

POR RICARDO JACOMASSI,
ECONOMISTA-CHEFE DA HEGEMONY PROJEÇÕES ECONÔMICAS
✉: RICARDO.JACOMASSI@HEGEMONY.COM.BR



POLÍTICA NA PAUTA ECONÔMICA

Não é novidade, para quem lida com o mercado diariamente, que as circunstâncias econômicas influenciam – e muito – a vida política. Foi assim no primeiro semestre de 2012 e não será diferente nos meses que encerrarão o ano.

Sofrendo com os efeitos negativos da redução do consumo doméstico, devido ao aumento da inadimplência das famílias e ao arrefecimento da economia global, o governo Dilma lançou uma série de medidas políticas e econômicas que acabou sendo denominada Plano Brasil Maior (PBM).

O assunto foi, inclusive, tema da seção Entrevista da *O Papel* de julho último. Por trás das medidas divulgadas no PBM, observa-se forte tendência do governo a estimular o consumo. Justamente desse ponto surge uma indagação: será mesmo uma solução estimular as famílias a consumir mais, uma vez que estão excessivamente endividadas?

Pontos de vista à parte, o fato é que no PBM foram lançadas as desonerações fiscais e tributárias de alguns setores industriais, ampliação da oferta de crédito e das linhas de financiamentos, entre outras ações. Na prática, porém, nada houve para estimular a competitividade estrutural da indústria.

O primeiro resultado positivo do PBM veio com a expansão do indicador da atividade econômica: 0,75%, conforme o Banco Central do Brasil (**veja o gráfico**) no confronto mensal divulgado no início de agosto. De maneira mais simples, esse crescimento foi condicionado exclusivamente pelas atividades de comércio, serviços e agricultura. A indústria, sem fôlego, amargou declínio de 4,76%.

Com o início das eleições municipais em julho, aguardava-se dedicação intensificada do governo federal nas campanhas das principais cidades. Não foi o que se observou. As greves dos servidores fe-

derais, que paralisaram serviços importantes, deixou o Planalto enfurecido.

Como se já não bastasse, grandes figuras políticas sentaram no banco dos réus no julgamento da ação penal de n.º 470, o famoso Mensalão, que, de fato, manchou a história do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e do Partido dos Trabalhadores.

A essa altura dos eventos e das demandas políticas nacionais, o governo federal está mostrando falta de habilidade nas negociações. No campo eleitoral, os principais candidatos do Partido dos Trabalhadores em importantes cidades estão em posições desfavoráveis nas pesquisas. Dessa forma, caso as urnas confirmem as atuais pesquisas, o ex-presidente e seu partido sofrerão uma grande derrota.

Se ficar comprovado esse cenário eleitoral pessimista, provavelmente haverá uma mudança nas eleições presidenciais de 2014. Para contrabalancear, o governo Dilma acabará alterando radicalmente sua visão e ação sobre a economia. Quem sabe não venha a ser o momento oportuno para apostar na melhora da infraestrutura e da competitividade industrial como saída para promover as reais mudanças? ■

Fonte: Banco Central do Brasil.

Elaboração do autor

